

EDISON RIBEIRO LEMOS

TOMBA UM COMBATENTE

22/03/1928 - 08/12/2004

Em virtude de sua baixa visão na época, e do despreparo dos professores, sua passagem na escola comum não logrou tanto êxito quanto na sua vida futura. Aos treze anos ingressou no Instituto São Rafael em Belo Horizonte – MG, onde fez parte de seu curso primário e estudou rudimentos de piano. Em 1945 entrou para o Instituto Benjamin Constant e no ano seguinte foi um dos alunos a inaugurar o curso ginasial, o qual concluiu em 1949. Em 1950, após sua dura luta e a mobilização liderada por pioneiros como Espínola Veiga, José Gomes e outros, marcou a sua entrada para o colégio Mallet Soares – RJ, aí concluindo o curso clássico em 1952. Nesse mesmo ano foi nomeado professor do Instituto Benjamin Constant, fez o vestibular e cursou Geografia e História, licenciando-se em 1956. Anos mais tarde cursou Pedagogia pela então Universidade do Estado da Guanabara – UEG (hoje UERJ). Nos anos setenta fez o mestrado em Educação, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), apresentando a dissertação "Efeitos Principais e de Interação de Técnicas de Leitura e de Idade de Aprendizagem do Sistema Braille sobre a Velocidade de Leitura de Pessoas Cegas". Nos anos oitenta fez o exame de Livre Docência pela Universidade Federal Fluminense – UFF, com o trabalho "Educação de Excepcionais – Evolução Histórica e Desenvolvimento no Brasil". Então, tornou-se um paladino pela escola especializada para cegos nas primeiras séries do curso fundamental.

Edison era fluminense, nascido em Niterói, filho do casal Veriato de Lemos e Leonor Ribeiro de Lemos. Militou na política como ardoroso componente da Ala Juvenil da União Democrática Nacional – UDN, mas foi pelo Partido Liberal que se candidatou a uma vaga na Câmara Federal, alcançando expressiva votação sem, contudo, eleger-se deputado, ficando numa das primeiras suplências.

Em 1957 casou-se com a jovem Neusa Morse, e teve três filhas, hoje todas com formação universitária: Mabel, Maíse e Maria Celeste, as quais lhe deram vários netos.

Orador ardoroso, palavra inflamada e por vezes até passional, mas sempre respeitada, seu desempenho profissional foi brilhante.

Contribuição de sua filha Mabel Lemos e redação complementar de seu colega João Delduck Filho, hoje professor aposentado do IBC.

DEPOIMENTOS DE PESSOAS QUE TIVERAM A OPORTUNIDADE DE CONVIVER COM O PROFESSOR EDISON RIBEIRO LEMOS

A tiflogia brasileira perde um dos seus maiores baluartes.

Com o falecimento do Professor Edison Ribeiro Lemos, os cegos brasileiros e o Instituto Benjamin Constant – IBC, perdem sem dúvida um dos seus maiores defensores.

O Professor Edison, nos mais de sessenta anos dedicados à causa da defesa de direitos das pessoas cegas, deixou um lacuna, que dificilmente será preenchida por outra pessoa.

A forma apaixonada e vibrante com que defendia os direitos a uma educação de qualidade para as pessoas cegas e a preservação do Instituto Benjamin Constant como um legítimo "Patrimônio dos Cegos Brasileiros" merece que se reverencie seu nome como uma das figuras mais eminentes da tiflogia brasileira de todos os tempos.

Nosso "Guru", como gostávamos de tratá-lo, deixa entre seus verdadeiros amigos, entre os quais, muito orgulhosamente nos incluímos, uma saudade imorredoura.

Professor Adilson Ventura, presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência (CONADE)

Edison Ribeiro Lemos, mestre e amigo.

Liderança nacional na luta contra a discriminação da pessoa cega; sua inteligência e seus discursos vibrantes fizeram-nos reféns de seu idealismo.

Kate Q. Costa, produtora editorial da revista Pontinhos e da Revista Brasileira para Cegos (RBC)

Fui aluno do prof. Edison, creio que em 1956, no 5.º ano primário de então, e foi ele um dos meus examinadores nas provas de admissão ao curso ginásial, uma espécie de "vestibular" que, mediante testes escritos e exames orais públicos, confirmava, ou não, o ingresso do estudante nas quatro últimas séries do ensino de 1.º grau da época.

Naqueles tempos, a História e a Geografia visavam mais à memorização que ao juízo crítico; mas suas aulas, sempre ricas em conteúdo e dadas com muita segurança, conseguiam motivar-nos e conter nossa inquietude adolescente.

A partir de 1982, já também professor no IBC, coube-nos partilhar alguns trabalhos, lamentavelmente interrompidos na revisão da Revista Brasileira para Cegos (RBC) do sesquicentenário, em que lhe tocava averiguar a historicidade dos fatos transcritos e a mim, a correção da linguagem. Confesso, pelo respeito que ainda hoje lhe voto como meu professor, que honra maior só tive nas vezes em que ele, generosamente, me indicou ou, em contato pessoal, me convidou como palestrante em eventos especiais para os portadores de deficiência visual.

Estou certo de que o prof. Edison Ribeiro Lemos, cujas credenciais, posto que muitas e valiosas, só parcialmente revelam os atributos intelectuais e a tenacidade do portador, será sempre lembrado como aquele que, sobretudo nas duas últimas décadas, lutou pela continuação do Instituto Benjamin Constant e, conseqüentemente, pelos interesses dos brasileiros cegos e de visão subnormal.

Paulo Felicíssimo Ferreira, professor aposentado do IBC e atual colaborador da revista Benjamin Constant

Ao professor Edison Ribeiro Lemos

Falar sobre o professor doutor Edison Ribeiro Lemos é extremamente difícil e longo. Para dissertar sobre sua vida complexa e operosa seria necessário não apenas algumas considerações, mas uma alentada obra literária. Por isso, vou falar do meu irmão Edison, que conheci desde os 12 anos de idade no Instituto São Rafael! (Belo Horizonte - MG).

Desde 1942, convivemos diariamente com alguns intervalos impostos pela vida. Estivemos juntos sem interrupção até o fim do segundo grau, em 1952, quando pela primeira vez, na história da educação dos cegos, terminamos o curso clássico numa escola particular para alunos videntes (Colégio Mallet Soares - Rio de Janeiro / RJ). E

também pela primeira vez, nessa mesma história, a partir de 1953, quando ingressamos no curso superior: o Edison, na Universidade Federal Fluminense (UFF), já que morava em Niterói (RJ), e eu e o nosso colega, Ernani Vidon, na Universidade do Distrito Federal (UDF), na época em que o Rio de Janeiro ainda era a capital do país. A partir daí, nossa convivência era tão somente social e de lazer.

Como podem perceber, nosso relacionamento, não só como colegas, mas como amigos, desde as "calças curtas" até a pós-adolescência, fez-me conhecer o amigo Edison em toda a sua amplitude. Conheci o amigo leal, o colega atuante, por vezes, o verdadeiro professor, que, sendo de grande inteligência, muitas vezes complementava a explicação dos mestres, sobretudo nas áreas da Matemática e Física, nas quais ele detinha grande conhecimento para o nosso nível de então.

Depois que constituímos família, meus filhos e as suas filhas eram nossos sobrinhos queridos e, sempre que possível, nos reuníamos na minha casa e na dele. Por esse motivo, ofereço essas modestas considerações à família dele, que, pesarosa, está enfrentando, com coragem, a ausência do seu "chefe" querido.

Como político, foi incontestavelmente o grande líder dos cegos nestas últimas décadas, e se dedicou profundamente aos interesses dos colegas e da manutenção do Instituto Benjamin Constant (IBC), em todas as crises por que passou. Deu por vezes, prova inequívoca do seu amor pela causa dos cegos, prejudicando mesmo a própria saúde, já que ele era profundamente extremado nas suas posições políticas.

Gostaria de falar muito mais do meu amigo Edison, sobre sua personalidade, mas eu sei que esta oportunidade é preciosa e outros colegas gostarão, por certo, de homenageá-lo nas páginas desta prestigiosa revista.

Marcello de Moura Estevão, professor aposentado do IBC